

diálogo





Semiótica

Método-lógico para o estudo da Comunicação

LUIZ CARLOS IASBECK

PAULO EDUARDO LOPES

SÉRGIO DAYRELL PORTO

EUFRASIO PRATES

Resumo No dia 18 de outubro de 2000, às margens do lago Paranoá, em Brasília, um encontro reuniu quatro dirigentes da Associação Brasileira de Comunicação e Semiótica – ABSB, entidade filiada à Associação Brasileira de Semiótica e à IASS – *International Association for Semiotic Studies*. O debate, registrado no presente texto, girou em torno da inter-relação entre Comunicação e Semiótica, transitando por conceitos próximos como alegoria, símbolo, signo, metodologia, linguagem, significação, complexidade, texto, discurso e ideologia.

Palavras chave metodologia, alegoria, significação, linguagem, discurso.

Abstract This text is the result of a conversation between four directors of the Associação Brasileira de Comunicação e Semiótica – ABSB, occurred besides the Paranoá lake in Brasília at Oct/18/2000. The main issue of the debate deals with the inter-relation between Communication and Semiotics. It treats, also, of related terms as allegory, symbol, sign, methodology, language, meaning, complexity, text, discourse and ideology.

Key words methodology, allegory, meaning, language, discourse.

Iasbeck – Penso que a idéia inicial do tema desse debate tenha surgido de uma conversa que tivemos na casa da Irene Machado, em São Paulo, quando tínhamos dificuldades em encontrar sede para o Congresso Brasileiro de Semiótica. Na ocasião, um dos nossos contatados teria feito a pergunta: "mas o que essa semiótica tem a ver com comunicação?" Ocorreu-nos, no exato momento, expandir essa inusitada pergunta (se considerarmos que quem a formulou trabalha com Comunicação) para fora dos restritos círculos de uma faculdade de comunicação. A existência de um programa de estudos pós-graduados que se intitula Comunicação e Semiótica, na PUC/SP, já sugere que há (ou deve haver) fronteiras entre essas duas ciências e que elas têm existência autônoma, capaz de proporcionar atuação "coordenada e aditiva". Penso, então, que devemos começar a conversa falando das zonas de afinidade, do diálogo entre elas e das diferenças pouco permeáveis entre ambas.

Eufrasio – Creio que podemos partir para uma conversa mais interativa, já desde o início, discutindo algumas definições de Comunicação e Semiótica, passando rapidamente por algumas polêmicas que sempre vão e voltam quando nos reunimos. Todos nós já encaramos os problemas que surgem quando a semiótica vai para um programa de estudos de comunicação ou, ao contrário, quando comunicação é assunto num programa de semiótica. Como a academia tem se preocupado com a relação entre essas duas áreas de conhecimento?

Paulo Lopes – Eu trabalho atualmente com Marketing, uma área também permeada pela semiótica e muito identificada com a comunicação. Apesar de estar um pouco desviado da experiência de vocês, posso acrescentar elementos que não compareçam nas preocupações acadêmicas mais proeminentes hoje. Posso também dar meu depoimento sobre como a semiótica francesa se localiza com relação ao assunto.

Iasbeck – Começo então a discussão lançando para o debate dois pontos de afinidade em torno dos quais Comunicação e Semiótica circulam: a interatividade e a vinculação, o estabelecimento de vínculos, seja interpessoal, seja sociocultural. Esses elementos chaves comparecem – por inferência lógica – numa das conceituações de comunicação mais completas e sucintas que conheço. Não sem motivos, ela foi realçada por uma semioticista, Barbara Stanosz, no *Enciclopedic Dictionary of Semiotics*, editado por Thomas Sebeok, como a "mais geral de todas as definições de Comunicação". Trata-se de uma formulação de Stevens (1950), notadamente behaviorista, que tem o grande mérito de deslocar para o território da recepção a enorme e histórica importância que a ciência da comunicação dá ao emissor. Ela diz que "Comunicação é a resposta discriminada de um organismo a

um estímulo". Se comunicação é "resposta", não podemos começar a falar dessa ciência sem levar em conta a interatividade e a competência vinculadora que o processo da comunicação instaura onde quer que aconteça. O receptor deixa de ser um mero receptáculo da incontinência comunicadora do emissor para ser o elemento determinante do processo. A resposta garante a integração. E só há comunicação se houver integração, interatividade.

Eufrasio — É muito comum, no cotidiano, confundir informação com comunicação. Essa confusão é reflexo de um fato ideológico: o elemento determinante de todo o processo de comunicação sempre foi o emissor, aquele que tem o poder de produzir a mensagem, impondo seus pontos de vista e valores ao receptor. Não se observa, em geral, que a comunicação é uma relação, porque o ponto de vista do emissor embaça a troca, o movimento de ir e vir que caracteriza a dinâmica do processo. Adorno, a Escola de Frankfurt em geral, Morin e companhia, por mais críticos que sejam, tendem a prestigiar demasiadamente o papel do produtor/emissor na comunicação, deixando o debate sobre a relação comunicativa propriamente dita em segundo plano. É a velha história dos extremos "apocalípticos e integrados" de Eco. Para falar em compartilhamento temos realmente de deslocar a atenção para o processo que liga interlocutores e repensar todas as teorias em função desse movimento.

Sérgio Porto — Estou achando bastante interessante esse início de debate. Vamos admitir que somos quatro semioticistas que abrem um debate montando uma guerra contra os emissores, contra o poder de fogo do discurso. A semiótica estaria entrando assim, *à gauche*, exercendo o que ela tem de melhor: o poder crítico da comunicação e também de outras ciências. Isso é importante para mim, porque tenho centrado meus estudos semióticos em torno da figura da alegoria, o anti-símbolo. O símbolo é o signo convencional, em torno do qual se dão as interações. As alegorias promoveriam, então, os desencontros, os conflitos, as não-interações. Essa postura crítica parece fazer parte do organismo mesmo da semiótica e contamina metodologicamente todos os ambientes em que ela é chamada a participar.

lasbeck — Quando falamos de símbolo, é necessário que precisemos a qual categoria estamos nos referindo. O símbolo peirceano difere bastante do símbolo tal como o entende a semiótica greimasiana e também o senso comum. O símbolo tem, é verdade, esse *status* de permanência, de regularidade, de estabilidade, ingredientes bastante tradicionais, conservadores e ortodoxos dos quais a semiótica — mesmo revolucionária — não pode prescindir.

Sérgio Porto — Mas a alegoria vai perturbar essa ordem. Não conseguimos chegar a ela sem passar pelo estágio do símbolo, terceiridade peirceana.

Paulo Lopes — Poderia aqui incluir na discussão a definição de simbólico de Julia Kristeva, que trabalhou essas questões nos anos sessenta. Ela dizia que o discurso (texto) resultava de um conflito entre o semiótico e o simbólico, sendo que o simbólico é constituído por essa série de estereótipos e categorias pré-formatadas, preestabelecidas e o semiótico é constituído pela pulsão do sujeito enunciativo. Haveria em todos os textos um conflito entre a pulsão criadora e aquilo que está cristalizado no simbólico. A criação só seria possível nesse conflito. Nem só loucura pura (pulsão criadora), nem só pura norma (discurso social).

lasbeck — Se vamos elaborar o link entre comunicação e semiótica pelo viés do simbólico, precisamos então deixar mais claro os diversos entendimentos desse simbólico.

Eufrasio — A etimologia pode ajudar. Em grego *sym-bállein* é literalmente lançar-para-junto, reunir, em contraposição ao *diá-bállein*, o que separa e desune.

Sérgio Porto — Ninguém discute a idéia de que o símbolo une e o *diábolos* desune.

Eufrasio — O interessante é que o próprio conceito de *alegoria*, opondo-se ao de *tautegoria*, nos dá a sensação de que em situações e em lugares diferentes é sempre possível encontrar algo em comum, que reúne. Mesmo em categorias ou níveis diferenciados. Na segunda tricotomia de Peirce, na relação entre o *representamen* e o objeto, a alegoria passa pelo icônico mas não fica apenas nele, podendo se encontrar em outros níveis. Os aspectos indiciáticos podem ser opcionais no caso das alegorias, mas estas com certeza encontram-se no simbólico, espaço ritualístico, axiológico e ideológico. Podemos pensar a comunicação como o campo onde a semiose que constitui as alegorias pode fazer percursos não-lineares voltados para a manipulação.

lasbeck — Não desviando o assunto, mas trazendo-o para nossas ocupações pontuais, podemos dizer que comunicação e semiótica têm objeto comum de estudo, um objeto que as alegorias evidenciam e que o símbolo torna possível: as linguagens.

A linguagem é um campo de guerra no qual se estabelecem lutas, vinculações, rompimentos, interações, vinculações. Estudar o que ocorre por aí é ocupação comum a essas ciências. Porém, elas se diferenciam drasticamente na maneira como lidam e encaram as linguagens. À semiótica — a qualquer semiótica — interessa o estudo da produção do sentido, como ele surge, quais são as possibilidades de sua proliferação, a complexidade dos processos de organização e mobilização dos códigos lingüísticos, de armazenamento e de transmissão, das condições de recepção e de leitura (interpretação).

Eufrasio – Também dos processos cognitivos e hermenêuticos.

Lasbeck – Exato. Desde a percepção, todas as nuances do conhecimento e da produção do saber parecem estar contidas nas ocupações dos semioticistas. À ciência da comunicação, as linguagens são interessantes enquanto meios (mídias) pelos quais fluem as intenções comunicativas até seu consumo pelo receptor. Parece-me que à comunicação não interessa tanto a microcirurgia da linguagem, a incursão pelas sutilezas do cruzamento de linguagens que gerarão sentidos plurais ou inequívocos, dependendo dos estímulos e dos esforços estratégicos em jogo. Para a comunicação, a linguagem tem uma função finalista, processual ou condutiva (operativa). Linguagem aí é instrumento.

Eufrasio – Se examinarmos do ponto de vista diacrônico veremos que o Crátilo de Platão, ao discutir a questão da linguagem, já inaugura perspectivas para esses dois campos: comunicação e semiótica. O percurso da semiótica, que vai ter seus desdobramentos na Idade Média, vai ficar mais claro no trabalho de Hume, que propõe a criação de uma ciência sobre o signo e mais tarde com Johann Heinrich Lambert, autor do primeiro tratado sobre a Semiótica. Já nos séculos XVIII e XIX percebemos que uma preocupação com a perspectiva semiótica estará instaurada muito antes da Revolução Industrial trazer elementos que proporcionassem o surgimento da comunicação de massa. O rádio e a TV são novidades do século XX e as teorias da comunicação de massa são ainda mais recentes. As preocupações com o sentido, entretanto, são bem mais remotas e profundas; precedem e capacitam as teorias da comunicação, dando-lhes a possibilidade de emergirem como "explicações" para fenômenos encantadores que a mídia não cessará mais de produzir. Essas teorias surgiram de trás para frente, a partir da constatação dos efeitos da mídia. Exemplo disso: as teorias behavioristas hipodérmicas – que poderíamos chamar de *naïves*, para não sermos deselegantes – ainda bastante infantis e redutoras. Especialmente se comparadas aos complexos ensaios semióticos de Peirce, muito anteriores, ou ao recente "Kant e o Ornitorrinco" de Eco.

Sérgio Porto – Quero retornar ao início de nossa conversa, quando falamos muito do receptor. Comunicação seria um processo no qual enfatizamos mais as respostas que as perguntas. A comunicação, tal como a estamos percebendo, cobriria todo esse processo, daria conta de tudo o que ocorre nessa dinâmica interacionista? Lembro aqui uma definição de comunicação formulada por Raymond Williams (estudos culturais ingleses, 1981) em que ele afirma que comunicação é você conseguir ter uma experiência única dentro de uma experiência comum. Nesse caso – a preocupação dos culturalistas ingleses era essa – o que interessa é a salvação dos indivíduos diante da ameaça da cultura de massa. O processo

da comunicação guardaria, então, a possibilidade de termos a nossa experiência, nossa vivência individual, sem estressá-la naquele dualismo que a sociologia não consegue resolver: o indivíduo de um lado e a sociedade de outro. A comunicação resolveria o problema, evidenciando a individualidade e, ao mesmo tempo, não permitindo a perda do sentimento coletivo. As experiências individuais compartilhadas só podem se dar pelas marcas semióticas que tornam esse processo viável: os índices, os símbolos, as sensações comuns, os ícones etc.

Eufrasio – Uma definição dessa natureza coloca em evidência um ponto bastante polêmico e que pode ser também o ponto de intersecção entre comunicação e semiótica: a ligação do homem com o mundo, da linguagem com a realidade. Essa dicotomia típica do pensamento ocidental, desde antes de Platão, essa fratura entre o mito e o lógico (daí começaram todos os nossos problemas, nossa ciência e nossa miséria, já dizia Nietzsche) torna insolúvel a questão da relação do homem com a realidade. Seria a comunicação a única forma de nos iludirmos de que é possível colocar algo em comum, ter algo em comum?

Sérgio Porto – O signo tem base fraturada. Ele está no cerne dessa cisão.

Iasbeck – E se o assunto vai por aí, não podemos deixar de lembrar Watzlavick, quando afirma que a comunicação nasce da terrível experiência da solidão proporcionada pelas separações primárias que experimentamos na filogênese e na ontogênese. Saber-se cindido, seccionado (o sexo separa e aproxima) leva o homem a procurar consolo e afago em estruturas de solidariedade. A obsessão pela afinidade e a dificuldade em lidar com as diferenças explicam bem o desespero da experiência com a solidão. Procurar o outro, travar o contato e entrar em interação é atitude movida primordialmente pelo interesse de sobreviver. A comunicação, antes de ser uma ciência positiva, paradigmática, é uma experiência primordial do ser humano. Comunicar é, pois, buscar conforto, confirmação de expectativas.

Paulo Lopes – Então, conforme disse o Eufrasio, a semiótica tenta explicar o homem no mundo e a comunicação teria a função de fazer o homem retornar a si próprio, encontrando-se no outro. Para Saussure, se um signo é composto de um significante e um significado (e há essa fratura), existe uma fratura mais profunda que se dá entre o significado do signo e o mundo. Saussure assume que o significado não está no mundo, mas está na linguagem. Isso nos abre um mundo de pesquisas e também um mundo de problemas: a linguagem, ao mesmo tempo que é o lugar de acesso ao mundo, é o maior obstáculo ao conhecimento da realidade tal como ela deve ser.

Eufrasio – O signo se impõe permitindo que você só tenha acesso mediado ao mundo, aos outros e até a você mesmo.

lasbeck – E tem muito jornalista que pensa que tem acesso à realidade, que se refere sem escrúpulos a um pretensão "jornalismo objetivo e imparcial", calcado no "fato" tal como ele é ... enfim ... é mais ou menos assim que são formados – aos montes – profissionais de comunicação nesse país. Falta semiótica básica ... o mínimo!

Paulo Lopes – A solução para o problema da fratura é uma explicação do tipo ... o homem constrói o mundo e o próprio homem pela linguagem e também os destrói. Daí, outras aporias do gênero. Acredito que as demais situações aqui colocadas, como aquela do estabelecimento de vínculos, tem a ver com a necessidade de recompor uma situação fracionada.

lasbeck – A "semiosfera" de Lotman não é o lugar de busca de substitutos da realidade, mas um lugar real no qual as linguagens atuam e fazem realidades.

Sérgio Porto – A aporia fundamental do signo está no fato de que, para florescer, a semente (sêmen, semeion) tem de morrer.

Tem um filme de Vladimir Carvalho, nosso cineasta brasileiro, chamado "Brasília segundo Feldman". Esse Feldman é um cineasta norte-americano que esteve aqui, filmou Brasília mas não montou o filme. Vladimir montou o filme que retrata Brasília nos seus primórdios. A Esplanada dos Ministérios, que hoje significa lugar de políticos, centro e desfile de poder – por ela passam carros simbólicos e alegóricos da governabilidade de nosso país – lugar de corruptos etc., não era, nessa época de Feldman, mais que uma coleção de estruturas arquitetônicas, esqueletos de prédios que ainda não tinham nascido completamente, mas que teriam a possibilidade e a capacidade de suportar quaisquer das significações das que conhecemos hoje, por mais que tivessem como desejo e endereço bem sediar e acolher a administração pública brasileira. Interessa assim à semiótica estudar como se monta uma estrutura, um esqueleto, uma esplanada, como se forma essa cadeia de significantes que não se limita aos ministérios e que se estende também às suas múltiplas possibilidades de significações.

Eufrasio – Nesse sentido, a semiótica pode também ser abordada como uma ciência que complexifica a pesquisa, a investigação dos elementos fundamentais das linguagens, as estruturas elementares do sentido e da significação. O foco da semiótica está nos procedimentos método-lógicos aplicados. A comunicação é uma atividade ou uma ação humana que permite resolver alguns problemas (e criar outros tantos); a semiótica não é uma atividade, mas uma incisão ética nesse processo de comunicação que instaura a crítica e revolve a complexidade. Para Peirce, a semiótica é uma lógica que, por sua vez, deve derivar de uma ética.

Sérgio Porto – Aproveito para citar Peirce, literalmente, aqui:

A lógica, em sentido geral, é apenas uma outra denominação da semiótica, a quase necessária e formal doutrina dos signos; dizendo que a doutrina é necessária ou formal, pretendo significar que observamos os caracteres dos signos e a partir dessa observação, por processos que não tenho objeções em denominar "abstração", somos levados a enunciados eminentemente falíveis e portanto, em certo sentido, de maneira alguma necessários, relativamente ao que devem ser os caracteres de todos os signos empregados por uma inteligência científica, isto é, por uma inteligência capaz de aprender com base na experiência. (Peirce, CP:2.227)

Eufrasio – Essa definição não fica só aí. E aí está a grandeza do pensamento peirceano: ele coloca toda a grandeza do pensamento científico sob outro mais abrangente que é a ética. Quando vamos trabalhar com semiótica – e portanto, trabalhando com linguagens e processos de significação –, Peirce aponta a necessidade de termos em mente nossos objetivos e indica que perspectivas ideológicas estarão presentes nesse processo. Porém, o que considero mais bonito no pensamento peirceano é que a ética está contida num lugar ainda mais amplo, que é a esfera da estética. A estética de Peirce não é a ciência do belo. Ela quer dizer mais ... transcende para o admirável, a beleza do belo e do não-belo, a afetividade e a intuição que devem orientar nossa postura ética. Esta, por sua vez, vai orientar a lógica ou a "semio-lógica" (como a nomeia Floyd Merrell). Essa constituição da fenomenologia triádica peirceana enfatiza algo que tem tornado a semiótica mais útil aos estudos da comunicação: um espaço de questionamento ou crítica ética à pesquisa e uma abertura para ouvir o lado intuitivo que indica o rumo da pesquisa. A semiótica peirceana tem ganho muito espaço nas pesquisas em comunicação. Claro que não é a única. Porém – seja de que vertente for – ela vislumbra um ambiente bem mais complexo para o trabalho do pesquisador. Essa é uma palavra-chave: complexidade, um termo com o qual Morin se tem debatido por décadas, mas ainda não resolveu.

Iasbeck – Você enfatizou a questão da semiótica peirceana. Eu gostaria de retomar o exemplo que o Sérgio Porto deu – dos esqueletos da Esplanada dos Ministérios – para fazer alusão a uma outra semiótica que contemporaneamente denominamos "da cultura" e que tem origens nitidamente estruturalistas. É importante lembrar que esse "estruturalismo" não tem mais qualquer compromisso com a investigação obsessiva de imutabilidades, de universais e ou invariantes em processos mutáveis para, em torno deles, estabelecer relações de sentido. Interessa muito mais, hoje, aquilo que muda, que passa e que determina as feições provisórias dos fenômenos, dos objetos e das pessoas. Por isso, a malfadada "análise imanente" perdeu seu lugar, cedendo espaço nas pesquisas às aparentes inconseqüências dos imprevistos e dos estranhamentos. As semióticas que outrora se caracterizaram pela disseca-

ção do objeto, hoje evoluíram para aprendê-los em transformação, sem mais dete-rem o processo. Essa semiótica oferece várias possibilidades metodológicas para a abordagem da produção de sentido pelas linguagens – e aqui é indispensável reforçar o descolamento do "sistema modelizante primário", a língua natural. Os sistemas "secundários" ganharam autonomia de processamento do sentido, subvertendo mesmo, em muitas situações, cânones lingüísticos antes considerados inabaláveis.

Paulo Lopes – Vou falar um pouquinho sobre a visão da semiótica greimasiana em relação à questão da comunicação. É verdade que – pelas suas próprias origens lingüísticas – essa semiótica não tenha se preocupado muito com questões de comunicação, ocupando-se mais com as questões de produção do discurso. Dos anos 60 para cá, muita água rolou. A semiótica greimasiana trabalhou o discurso como uma construção vertical, na qual vários estratos ou andares deveriam ser descritos e analisados para se entender o todo. Entretanto, muitas questões fundamentais ficaram de fora, como, por exemplo, as questões ligadas à enunciação. A comunicação é vista, por exemplo, como uma das funções da enunciação, ao lado da construção do edifício (das estruturas profundas às estruturas superficiais). Hoje em dia, mais do que considerar o discurso como uma entidade autárquica, isolada – mesmo pela influência da análise de discurso francesa – acabou-se chegando a uma compreensão de que o "interdiscurso tem primazia sobre o próprio discurso", uma afirmação de Dominique Maingueneau que julgo bastante adequada. Para empregar uma terminologia mais próxima da área de marketing, podemos dizer que o ato de comunicação põe em circulação o produto-discurso no mercado das "trocas simbólicas" (Bourdieu) que estabelece, pela interação das diversas vozes concorrentes, o valor dos seres e dos fazeres sociais – do próprio discurso, inclusive. Quando começamos o debate falando sobre comunicação como resposta ocorreu-me que, na verdade, toda produção de discurso é uma resposta a alguma "demanda" (lembramos o dialogismo bakhtiniano, também) – mesmo no sentido mercadológico da palavra. Todo discurso é sempre uma resposta, ainda que seja a um outro discurso que não se escute.

Eufrasio – É como se nossa conversa estivesse pautada pela atenção futura dos leitores de *Galáxia*.

Sérgio Porto – Mas não podemos nos esquecer de que essa conversa é uma resposta à pauta da Irene Machado (*risos*).

Eufrasio – Porém, a Irene está pautando um receptor futuro, que espera e pode necessitar algumas respostas.

Paulo Lopes – Como essa resposta pode ser então uma resposta a uma pergunta que não se explicita necessariamente de modo verbal, cabe à semiótica estu-

dar também as diferentes ocorrências desses estímulos que se traduzem em percepções de linguagem. Há muitos anos, quando eu estudava comunicação na faculdade, eu não entendia por que a semiótica não era, ali, uma disciplina obrigatória, uma vez que tínhamos também disciplinas como música, artes, cinema, teatro. Quem quisesse estudar semiótica, tinha de se deslocar para a Faculdade de Filosofia e Letras e passar por todos aqueles trâmites burocráticos, etc.

Iasbeck – Ainda há alguns meses recebi – de um especialista credenciado pelo MEC – a orientação de retirar a disciplina "semiótica" do currículo proposto para o funcionamento de um novo Curso de Comunicação Social numa das Faculdades do Distrito Federal. Ainda vivemos, então, essa triste realidade. E é bom lembrar as ainda recentes polêmicas que envolveram a elaboração de novas diretrizes para o ensino da Comunicação no âmbito do MEC. Há uma facção radical da área que não admite a abertura da Comunicação para além das especialidades tradicionais (Relações Públicas, Publicidade e Propaganda, Jornalismo e Assessoria de Imprensa).

Sérgio Porto – O fato de termos colocado o estudo das linguagens como ponto de aproximação entre semiótica e comunicação nos leva a alguma fragilidade. Como o nosso lugar é um lugar de certa forma obscuro para quem não é chegado a ele, muita revolta acontece contra quem se especializa nessa área. Explicar a comunicação pela linguagem pode nos deslocar de uma área operacional para uma área especulativa ou o que quer que o valha, criando cisões.

Iasbeck – Mas é importante que fique esclarecido o interesse diversificado da semiótica pelas linguagens e pelo cruzamento de linguagens. Não se trata de fixarmo-nos nas estruturas da linguagem verbal, mas, antes e além disso, dedicarmo-nos a entender as possibilidades de sentido que se dão na intersecção entre imagem, artes gráficas, diagramação e texto escrito.

Sérgio Porto – Quais seriam, então, as nossas limitações para que continuemos mantendo essa experiência ímpar de trabalharmos onde os demais passam despercebidos? Em 73, quando vim para Brasília, quem agüentava a pauleira era a semiologia. Havia muito ataque e muitas críticas.

Iasbeck – Hoje, aqui em Brasília, a semiótica ainda não é uma realidade. A ABSB tem trabalhado para isso, mas somos poucos e temos um número muito restrito de interlocutores. Ainda é um trabalho pioneiro, sem apoio institucional, apesar de Brasília já estar com mais de 40 anos.

Eufrasio – Como podemos observar em nossa experiência pedagógica, não vejo interesse das escolas e do mercado em formar profissionais com aguçado senso crítico sobre aquilo a que se dedicam. Isso explica, dentre outros fatos lamentáveis, porque a semiótica ainda encontra sérias resistências na universidade. Tudo o que

esclarece os jogos de poder do lugar onde o saber está circulando é perigoso e deve ser visto com cuidados especiais, reservas ou mesmo severa resistência. Também na Europa (na Universidade Técnica de Dresden, Alemanha, e na Universidade de La Coruña, Espanha) pudemos, lasbeck e eu, ver recentemente como os departamentos de semiótica são discriminados ou, na melhor das hipóteses, vistos com reservas. Não é de graça que não se consegue espaço institucional para a semiótica.

lasbeck — E o pior é que o profissional da comunicação é alguém que não pode prescindir da consciência crítica. Ele não pode utilizar as linguagens sem saber o potencial de fogo que elas têm, sem levar em conta que nelas estão inscritas ideologias que atendem a interesses muito concretos e bastante localizados. O que vemos é muitos jornalistas serem formados sem o mínimo de "maldade" em relação a essas questões, sem saber ver-se como agentes ideológicos a serviço de interesses que desconhecem. Será que é mais importante formar técnicos em comunicação, alguém que saiba manipular os botões de uma câmera ou saiba elaborar tecnicamente perguntas para uma sessão de entrevistas? Não é incomum vermos nesses cursos estudantes que dão mais importância à tecnologia que à linguagem dos meios de comunicação.

Eufrasio — No começo da década de 70, Umberto Eco construiu com Paolo Fabbri um modelo de comunicação que colocava em evidência o que o modelo mecanicista e matemático de Shannon e Weaver deixava de lado: o processo de codificação e a taxionomia dos sub-códigos que compõe as linguagens. Passou-se a enfatizar a questão da significação e a produção da informação como um "querer significar" a partir dos códigos compartilhados entre emissor e receptor.

lasbeck — Nos últimos tempos, a Comunicação vem perdendo terreno para outra ciência jovem: a ciência da informação. Esta cuida de forma muito eficiente das questões que se referem à otimização da informação e à economicidade de sua transmissão, num ambiente de demandas intensas (a era da informática). As teorias da comunicação que nunca se deram conta da importância do tratamento da informação, têm agora uma justificativa para ficarem onde sempre estiveram.

Sérgio Porto — A Semiótica me parece uma ciência metodológica porque ela não está preocupada com o conteúdo ou com objetos específicos, mas com o desenvolvimento da abordagem a esses objetos que a comunicação classifica e enumera. São um corpo estranho na comunicação todos os instrumentos de elucidação das marcas semióticas. É por isso que talvez o símbolo mereça pauladas, como diz José Guilherme Merchior.

O veículo natural da verdade desprendida da intenção é a alegoria; Benjamim começa a segunda parte do seu escrito capital "Das origens do drama alemão"

(1928) fazendo uma contraposição entre o conceito clássico e romântico de símbolo, por um lado, e, de outro, o conceito de alegoria. O símbolo tem uma natureza plástica porque é condensação imediata da idéia na forma adequada; já a alegoria, é temporal porque sempre exprime algo diverso do que se pretendia dizer (...) As alegorias correspondem, no reino das idéias, ao que as ruínas representam no reino das coisas. As alegorias pressupõem a fungibilidade do particular. No mundo alegórico, cada objeto pode representar um outro; o universo concreto aparece desvalorizado; seus elementos valem uns pelos outros, nada merece uma fisionomia fixa (pois o que dá a fisionomia fixa é o símbolo) ... a alegoria é ambivalente em face da realidade.

Entendemos, assim, por que a comunicação quer se ver metida plasticamente numa indumentária finalística e teleológica. Ela pretende ser eficiente, tal como uma alegoria de si mesma. Ela pode ser compartilhamento e transmissão, mas em todos os casos se resolverá mal porque alegoriza a sua própria existência.

Eufrasio – O enfoque do Merchior parece ter outro objetivo, mas temos que distinguir o símbolo-objeto, dado no mundo pragmático das linguagens, e o símbolo-processo, categoria peirceana. Este último permite entender a lógica das alegorias, metáforas e demais produções de sentido cujo *representamen* tem uma função de significação múltipla, não obrigatória, ainda que convencionalizada, contratual. Umberto Eco vai dizer que signo é tudo aquilo que é usado para mentir. Não é de graça. Ele faz essa brincadeira brilhante para nos alertar do perigo a que estamos submetidos pelos signos que nos cercam todo o tempo e constroem nossa versão pessoal da realidade.

Paulo Lopes – Mas o que nos interessa aqui é discutir a postura do estudioso em relação à linguagem, à questão semiótica do signo e da representação da realidade. Quando afirmamos que a ciência da comunicação promove um salto entre produção e recepção, não se atendo às questões de linguagem, estamos também supondo que para ela esses elementos saltados já estão dados, já estão aí disponíveis para o uso de todos. E não é bem assim. O signo ou o discurso são constructos e, portanto, elementos inescapavelmente manipuláveis e manipuladores.

Iasbeck – Esse tipo de alienação, que decorre da ignorância do símbolo, é particularmente grave no caso do jornalista porque ele é, como diz o comunicador e semioticista alemão Harry Pross, um doador de signos.

Paulo Lopes – Ou talvez um operário do signo...

Sérgio Porto – Há uma manipulação e os proprietários da ideologia que se passa graças à alienação são, com certeza, aqueles que nos criticam por desvendar a trama ou, no mínimo, instigarmos a pesquisa.

Eufrasio – Dai o desinteresse do "poder estabelecido" em estimular o estudo da semiótica.

Sérgio Porto – Temos de distinguir os profissionais da comunicação submetidos à sua pauta quotidiana, dos profissionais do jornalismo como "prática social", esta última afirmação já compreendendo aquela perspectiva e visão da análise do discurso crítica dos ingleses, seguidores da Escola de Lancaster, onde atua e ensina Norman Fairclough, destacando as categorias de análise da história e da ideologia.

Eufrasio (olhando para o relógio) – Creio que podemos caminhar para o fim dessa produtiva conversa. Aqui, quatro estudiosos com formações e interesses diversos revelaram ter muito mais em comum do que se poderia imaginar. Isso me lembra o Aldous Huxley em "Filosofia Perene", que faz um estudo belíssimo sobre os conceitos e valores subjacentes às religiões do planeta. Ele mostra como os diversos religiosos do mundo e as mais diversas religiões têm mais em comum do que eles próprios imaginam. Estamos fazendo sempre o jogo ideológico do *status quo* quando procuramos enfatizar mais as diferenças que as afinidades. No fundo, estamos preocupados em solucionar problemas que nos incomodam: desde aqueles da comunicação interpessoal até os grandes conflitos armados da humanidade. Essas guerras não são nossas, mas a distância entre nós e elas não é tão grande assim, uma vez que participamos dos mecanismos comuns que as estimulam. Somos diferentes, mas estamos compartilhando problemas comuns que nos unem e nos levam a repensar de forma solidária nossas diferenças. Colocando-me no lugar do leitor dessa conversa, acho que o que há de mais rico nela talvez não sejam as idéias, mas o processo de buscar o projeto comum, as soluções para os problemas que nos afligem. Isso, para mim, já é algo bastante revolucionário.

Sérgio Porto – Vejo na semiótica a oportunidade de exercermos a crítica. A crítica é um ramo da metafísica que tem profundas ligações com a lógica menor: como nosso pensamento se constitui, suas andanças, seus caminhos. Nesse sentido, a semiótica me proporciona a possibilidade de ser um crítico no campo da comunicação. Isso para mim é fundamental. Todas as minhas críticas, pelo percurso intelectual que escolhi, sempre vieram pelo processo semiótico.

Paulo Lopes – Complementando o que já foi dito, diria que a semiótica pode ser um bom instrumento metodológico para a área da comunicação, uma vez que ela permite fazer o meio de campo entre as várias disciplinas que são afetadas à comunicação. Ela pode fornecer um viés de integração entre as diferentes tendências e os diferentes paradigmas das demais ciências. E isso está em falta. Só lamento que o semioticista, hoje, tem muito menos chances de conseguir emprego do que o comunicador. Mas de qualquer forma, continuamos trabalhando com empenho e ardor.

Eufrasio – Por curiosidade pesquisei agora há pouco, numa ferramenta de busca da Internet, as palavras *communications* e *semiotics*. Temos hoje 180.930 páginas citando a palavra "*semiotics*" para 12.402.835 páginas que falam em "*communications*". Isso dá uma pequena dimensão dessa diferença de que você acaba de falar. Páginas que citam ambas, temos 11.812. Apenas!

Iasbeck – Penso diferente. Acho que essa disparidade é um bom sinal. Afinal semiótica sempre foi algo para poucos. E não vai aí nenhum preconceito ou arrogância elitista. É que as preocupações semióticas surgem naturalmente depois de um exercício inconformado da prática que nos é exigida profissionalmente no campo da comunicação. A semiótica vai proporcionar respostas a algumas questões, mas essas questões só serão levantadas ou só aparecerão à mente do pesquisador quando seus esforços tradicionais para solucioná-las revelarem-se falidos ou impotentes. Antes disso ela soaria cosmética ou uma sofisticação forçada. Por isso, entendo que é mais importante a semiótica na pós-graduação do que na graduação. É preciso que o interessado chegue à conclusão de que seu aparelhamento intelectual não dá conta, naturalmente, de explicar fenômenos comunicativos complexos. E então, a busca pelos métodos semióticos lhe aparecerá não como imposição acadêmica, mas como reflexo de uma procura interessada (interessante) e bem endereçada. Uma dessas conclusões necessárias é a de que a ciência da comunicação não pode e não deve ficar confinada a algumas teorias e estudos que pretendem fazer dela um domínio exclusivo. Comunicar é uma tendência natural de todo ser vivo e uma necessidade vital de qualquer organismo. No exercício dessa faculdade, fatores psicológicos, neurológicos, sociológicos, antropológicos, filosóficos, filológicos, enfim, um somatório de saberes interagem para produzir um simples gesto de ir à procura do outro e buscar nele afinidades, consolo e confirmações que espantem o fantasma da solidão originária. A semiótica organiza essa conversa multidisciplinar, promovendo integrações e cortes necessários ao diálogo inter-paradigmático.

LUIZ CARLOS IASBECK é Diretor da ABSB – Associação Brasileira de Comunicação e Semiótica; Secretário Geral da ABS – Associação Brasileira de Semiótica; Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP; Pesquisador Associado e Orientador de Dissertações de Mestrado da FAC-UnB e Professor de Comunicação Empresarial na UPIS/DF.

PAULO EDUARDO LOPES é Vice-Presidente da ABSB – Associação Brasileira de Comunicação e Semiótica; Doutor em Semiótica pela FFLCH – Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de São Paulo; Professor de Marketing no Departamento de Administração da FA-UnB.

SÉRGIO DAYRELL PORTO é Conselheiro da ABSB – Associação Brasileira de Comunicação e Semiótica; Ph.D e Pós-Doutor pela *McGill University*, Montreal, Canadá; Estagiário-sênior no CNRS – *Centre Nationale de la Recherche Scientifique*, Paris, França; Professor titular da Faculdade de Comunicação e da Pós-Graduação da FAC-UnB e atual presidente da COMPÓS.

EUFRÁSIO PRATES é Presidente da ABSB – Associação Brasileira de Comunicação e Semiótica; Diretor da ABS – Associação Brasileira de Semiótica; Vice-Coordenador do Centro de Estudos e Pesquisas em Novas Tecnologias, Comunicação e Cultura de Brasília; Mestre em Comunicação pela FAC/UnB; Professor de Comunicação Empresarial na UPIS/DF.